

ENTRE BORBOLETAS E FLORES: CAMINHOS DE UMA EDUCADORA DAS INFÂNCIAS



Josiane da Silveira Roepke
Lorena Inês Peterini Marquezan



Universidade Federal de Santa Maria
Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional – PPPG

PRODUTO EDUCATIVO

@josianeroepke



Bem vindo

"Cada criança é território em flor, cada educadora, vento que sustenta o voo.
Educar é bordar mundos com escuta, coragem e encantamento."

Josiane da Silveira Roepke

Este portfólio digital é um convite à travessia. Um caminho bordado com experiências vividas no CEI Casa da Criança, onde cada criança é uma borboleta em voo e cada educadora, flor que sustenta.

Os registros aqui reunidos revelam práticas sensíveis, reflexões profundas e projetos que nasceram da escuta ativa, do encantamento cotidiano e do compromisso com uma educação que reconhece a diversidade como potência.

Inspirada pela Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, compreendi que o desenvolvimento infantil acontece nas tramas das relações, nos microssistemas que acolhem, provocam e transformam. No chão da escola, esses sistemas se materializam nas ambiências construídas com intencionalidade estética, ética e afetiva, espaços que favorecem a autonomia, o protagonismo e o pertencimento.

Ao lado dessa perspectiva, a contribuição de Fritjof Capra ampliou meu olhar sobre a educação como prática ecológica.

A alfabetização ecológica, entendida como a capacidade de perceber-se parte da teia da vida, orientou a criação de projetos que conectam as crianças à natureza, aos ciclos, aos ritmos e às interdependências que sustentam o mundo. Como afirma o autor: "Educar para a sustentabilidade é educar para a vida."

Neste portfólio, compartilho projetos como o Jardim das Borboletas e o Espaço das Descobertas, que se configuraram como ambiências bioecológicas, onde as crianças puderam investigar, criar, conviver e transformar. Cada registro é uma pétala de experiência; cada reflexão, uma raiz que aprofunda o sentido da prática pedagógica.

Mais do que um documento acadêmico, este portfólio é um testemunho de transformação. Ao revisitar minha trajetória, reconheço os voos que já fiz e os que ainda virão. Que este jardim de palavras possa inspirar outros olhares, outras escutas e outras formas de habitar a infância com delicadeza, coragem e compromisso.





Josiane Roepke

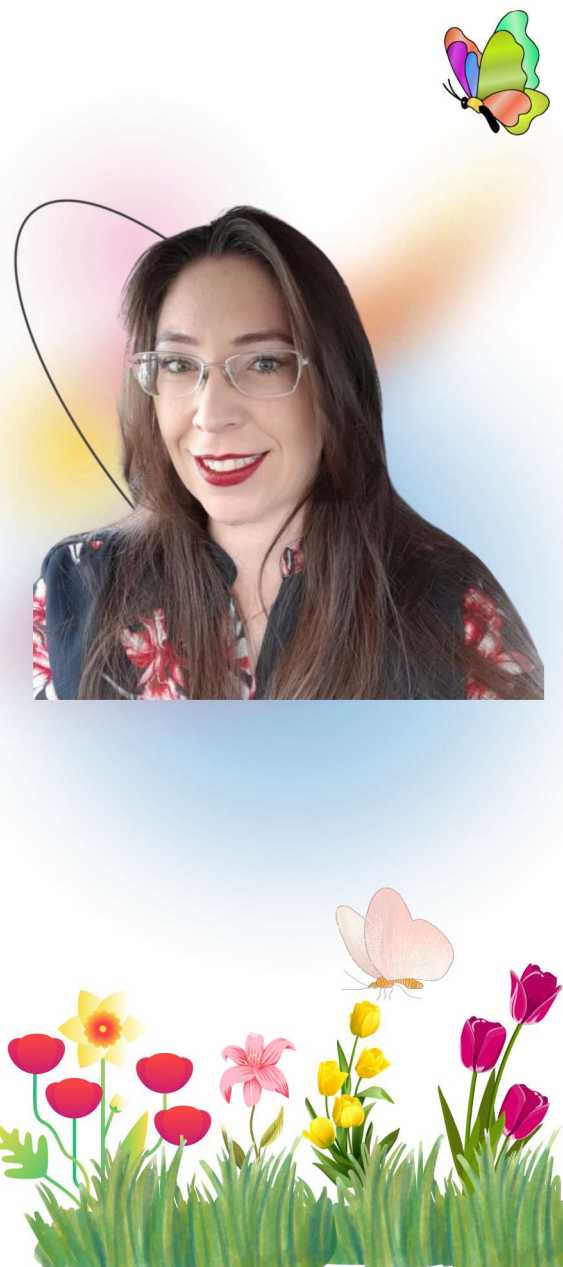


Quem sou eu?

Me chamo Josiane, sou educadora das infâncias em Santa Maria – RS. Tenho 43 anos, sou mãe de dois filhos e apaixonada pela escuta, pelo brincar e pela potência da infância. Sou graduada em Pedagogia (UNINTER) e especialista em:

- Gestão e Organização Escolar com Ênfase em Coordenação (UNOPAR)
- Psicopedagogia Institucional (UNOPAR)
- Neuroaprendizagem (UNOPAR)
- Ludopedagogia (UNOPAR)
- Atendimento Educacional Especializado com Ênfase em Dimensões da Não Aprendizagem (FAMESP)

Atualmente, sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Gestão Educacional da UFSM, onde aprofundo minha pesquisa sobre inclusão, ambiência e alfabetização ecológica na Educação Infantil.





Fios da Trajetória: Quem Sou Eu na Educação Infantil

"Sou feita de encontros, de questionamentos, inquietações e de recomeços. Cada criança que passou por mim deixou um traço no meu jardim."

Josiane da Silveira Roepke

Quando a vida encontra a profissão, bordamos com fios invisíveis uma teia de sentidos, onde cada experiência vivida se soma aos saberes construídos no chão da escola. É nesse entrelaçar de histórias e gestos que a prática pedagógica se transforma, se enriquece, se humaniza. O encontro de trajetórias diversas dá origem a um percurso coletivo, feito de escutas, afetos e aprendizagens compartilhadas. E assim, ao viver e conviver, plantamos as sementes de uma educação que valoriza a solidariedade, a cooperação, o pertencimento e é nesse movimento coletivo que vamos tecendo uma escola mais solidária, sensível e conectada com o mundo.

A trajetória que me conduziu a esta pesquisa foi entrelaçada por vivências pessoais e profissionais, marcadas por inquietações, curiosidade e transformação. Descobri-me educadora no movimento, na escuta e na adaptação às estações da infância, onde cada gesto é semente e cada dia, primavera.





No chão da escola, vida e profissão se fundem numa teia de sentidos construída nos instantes sutis do cotidiano. A prática docente revela-se como espaço de escuta, afeto, conflito e aprendizagem — um processo vivo que se renova como os ciclos da natureza.



Ao longo dos anos na Educação Infantil, compreendi que ser professora é habitar o tempo com ética e sensibilidade. Cada interação iluminou meu olhar pedagógico, ampliando a compreensão sobre as relações humanas e o potencial formativo dos ambientes.

O encontro com as infâncias despertou em mim o desejo de pensar uma escola mais humanizada, onde o brincar seja verbo, a natureza presença e o pertencimento raiz. A pesquisa nasceu desse solo fértil, tecido por experiências concretas, afetos cultivados e compromissos éticos compartilhados com crianças, educadoras e famílias.

Revisitar minha trajetória revelou que cada passo contribuiu para propor práticas mais sensíveis, ecológicas e inclusivas, em busca de uma escola que seja território de transformação, onde cada borboleta voe com sua cor e cada flor floresça com sua singularidade.

Foi nesse movimento que me conduzi ao Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional da UFSM, como gesto de compromisso com o aprimoramento da prática pedagógica e com a construção de uma escola que acolha a diversidade, promova a inclusão e dialogue com os princípios da sustentabilidade e da justiça socioambiental.





Portfólio

Educar é habitar mundos com escuta, coragem e encantamento

Josiane da Silveira Roepke

CEI Casa da Criança – Santa Maria/RS

Ano letivo: 2024

É com delicadeza e alegria que abro este portfólio digital, um pedaço do meu jardim pedagógico, cultivado com práticas, reflexões e experiências vividas junto à minha turma de Maternal II Turno Integral no CEI Casa da Criança no ano de 2024. Cada registro aqui compartilhado é fruto de encontros, escutas e descobertas que marcaram minha trajetória como educadora das infâncias.

Este trabalho integra minha pesquisa no Mestrado Profissional em Políticas Públicas e Gestão Educacional da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mas é também extensão do meu ser: da professora que fui, da que sou e da que sigo me tornando, entre borboletas que voam com suas cores e flores que desabrocham com suas singularidades.





Campo de Pesquisa: CEI Casa da Criança

O campo de pesquisa foi o Centro de Educação Infantil Casa da Criança, localizado em Santa Maria/RS. A investigação foi realizada com turmas de Maternal II Integral, envolvendo crianças de 3 a 4 anos, educadoras, famílias e equipe gestora. A escolha da instituição se deu pelo compromisso com práticas inclusivas e pela abertura ao diálogo com propostas inovadoras e sensíveis. No cotidiano da escola, foi possível vivenciar experiências que revelam o potencial formativo dos ambientes, a potência da escuta e a beleza das relações.



Fonte: Diário de Santa Maria, disponível em https://diariosm.com.br/noticias/educacao/centro_de_educacao_infantil_casa_da_crianca_e_reinaugurado_com_sede_ampliada.564817





Projetos Desenvolvidos: Ambiências que Educam



Jardim das Borboletas

Ambiência bioecológica inspirada na leveza, na transformação e no cuidado. As crianças exploraram a natureza, criaram vínculos e vivenciaram experiências sensoriais e afetivas. As borboletas, símbolo da infância em voo, inspiraram práticas que respeitam os tempos e os gestos infantis.



Espaço das Descobertas

Ambiente de investigação e curiosidade, onde o olhar infantil pode encontrar liberdade para perguntar, criar e transformar. Materiais naturais, escuta ativa e protagonismo infantil foram os pilares dessa proposta, que valorizou o brincar como linguagem da infância.





Jardim das Borboletas: Ambiências Bioecológicas e Protagonismo Infantil



"No Jardim das Borboletas, cada voo é uma escolha, cada flor é uma escuta."

Neste jardim, cada criança é voo e cada espaço, ninho. Um capítulo que revela como as ambiências construídas com intencionalidade estética, ética e afetiva favorecem o protagonismo infantil e o desenvolvimento integral.

"Cada ambiente fala. Fala com cores, com texturas, com convites silenciosos à descoberta."

- Espaço pensado para acolher as crianças em sua singularidade, promovendo experiências sensoriais, estéticas e afetivas com a natureza.

- As borboletas, como símbolo de transformação, inspiraram práticas pedagógicas voltadas à leveza, à escuta e ao respeito aos tempos da infância.
- O ambiente foi organizado como um microssistema educativo vivo, onde o protagonismo infantil emergia nas escolhas, nas perguntas e nas interações espontâneas.



Algumas vivências no jardim





Espaço das Descobertas: Investigação, Encantamento e Escuta



"A folha virou pergunta. E a pergunta virou jardim."
Josiane, educadora das infâncias

Neste território de curiosidades, cada olhar é pergunta e cada canto, possibilidade. Um capítulo onde o encantamento se faz método, e as ambiências, com sua estética silenciosa e ética pulsante, convidam as crianças a serem autoras de seus próprios voos.

"Cada ambiente fala. Fala com cores, com texturas, com convites silenciosos à descoberta."

(Fragmento poético inspirado na prática pedagógica)



- Ambiente voltado à investigação, à criatividade e à construção coletiva do conhecimento.
- As crianças foram incentivadas a explorar materiais naturais, fazer perguntas, criar hipóteses e compartilhar descobertas com os pares e educadores.
- O espaço valorizou o brincar como linguagem da infância, promovendo aprendizagens significativas e inclusivas.

Alguns momentos no espaço das descobertas





Eixos de Análise: Tramas que Sustentam a Pesquisa



"Inclusão é quando o olhar reconhece antes do papel. É quando o tempo respeita o ritmo do voo.
Josiane, educadora das infâncias"

Ambiência como espaço formativo

Ambientes não são apenas cenários: são sujeitos educativos que provocam, acolhem e transformam. Quando construídos com intencionalidade estética, ética e afetiva, tornam-se territórios de pertencimento, onde cada criança pode ser, sentir e criar. A ambiência viva favorece o protagonismo infantil, o cuidado mútuo e a aprendizagem sensível.

Alfabetização ecológica como prática cotidiana

Educar para a sustentabilidade é educar para a vida. A alfabetização ecológica convida as crianças a perceberem-se como parte da teia da vida, conectadas aos ciclos, aos ritmos e às interdependências da natureza. Essa prática cotidiana desperta o cuidado, a empatia e a consciência ambiental desde a primeira infância.





Inclusão como postura ética e ambiental

A inclusão vai além da presença: é relação, escuta e reconhecimento da singularidade de cada criança. Quando vivida como prática ética e ecológica, ela transforma o cotidiano em espaço de acolhimento, respeito e justiça. A diversidade é vista como potência, e os vínculos como caminhos para uma escola mais humana.

Formação docente e reflexão sobre a prática

A educadora das infâncias é jardineira de experiências: semeia, cuida, observa e aprende com o tempo da infância. A formação acontece no cotidiano, nas narrativas escritas, nas escutas profundas e nas trocas entre pares. Refletir sobre a prática é também transformar-se, reconhecendo que cada gesto pedagógico carrega ética, afeto e compromisso.





Resultados: Florescimentos da Pesquisa

“Cada gesto semeado no cotidiano floresceu em práticas que acolhem, escutam e transformam.”

Josiane, educadora das infâncias



Ao longo da pesquisa, os caminhos trilhados no cotidiano escolar revelaram brotos de transformação. Cada gesto, cada escuta, cada ambiência construída com intencionalidade estética, ética e afetiva germinou em práticas que acolhem, respeitam e potencializam a infância.

Os resultados que aqui apresentados não são apenas dados ou constatações: são florescimentos. São expressões vivas de uma educação que reconhece a criança como sujeito de direitos, que valoriza a diversidade como potência e que compreende o espaço como território de pertencimento.

Neste jardim de experiências, o protagonismo infantil ganhou asas, os vínculos afetivos se aprofundaram, a consciência ecológica se fortaleceu e os ambientes escolares se tornaram lugares de vida, de criação e de transformação.





As relações como território formativo

Na Educação Infantil, cada interação é uma oportunidade de aprendizagem. O vínculo entre criança e educadora é tecido no cotidiano, nos rituais, nas escutas e nas brincadeiras compartilhadas. Essas relações são o solo fértil nos quais germinam a confiança, a autonomia e o pertencimento.. Durante a pesquisa, tornou-se evidente que as relações construídas no cotidiano escolar são mais do que interações pontuais, são territórios formativos. Cada gesto, cada escuta, cada brincadeira compartilhada revelou-se como espaço de aprendizagem, onde vínculos afetivos sustentam o desenvolvimento integral das crianças. O vínculo entre educadora e criança, tecido nos rituais e nas práticas sensíveis, fortaleceu a autonomia, o protagonismo e o sentimento de pertencimento. Esse florescimento relacional confirma o que apontam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009): o desenvolvimento infantil acontece nas múltiplas formas de interação com o mundo. Autores como Vygotsky e Freire reforçam que o conhecimento se constrói na relação com o outro, e que a educação é sempre um ato de encontro, escuta e transformação. Logo, as relações se consolidaram resultado potente da pesquisa, mostrando que educar é, antes de tudo, habitar vínculos com ética, afeto e presença.

A escuta como gesto de acolhimento

Durante o desenvolvimento da pesquisa, a escuta revelou-se como um dos pilares mais transformadores da prática pedagógica. Mais do que ouvir, escutar é reconhecer o outro em sua inteireza, é permitir que a criança se expresse, se afirme e se sinta parte do grupo. No cotidiano da Educação Infantil, a escuta ativa se manifestou nos gestos, nos olhares e nas pausas que acolhem. Foi por meio dela que se construíram vínculos afetivos profundos e se promoveram práticas inclusivas e respeitadas. Esse florescimento da escuta como prática pedagógica confirma o que propõe Morin (2015): educar é ensinar a viver, e viver é aprender a conviver, a cuidar e a escutar. Na perspectiva de Bronfenbrenner (2011), o desenvolvimento infantil acontece nas tramas das relações e a escuta é o fio que sustenta essas conexões. As DCNEI para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) também reforçam que a escuta sensível é essencial para garantir os direitos de aprendizagem e desenvolvimento, promovendo uma educação que valoriza o diálogo, a participação e o acolhimento. Esta escuta ativa consolidou-se como de extrema importância pois uma prática ética, estética e ecológica que transforma o cotidiano escolar em território de pertencimento e respeito.



O afeto como linguagem pedagógica

Ao longo da pesquisa, o afeto revelou-se como uma linguagem potente e transformadora. Mais do que um sentimento, o afeto é presença, é cuidado, é disponibilidade. Ele se manifesta nos pequenos gestos cotidianos: no toque que acolhe, no olhar que escuta, na palavra que respeita o tempo da infância.

Na relação entre educadora e criança, o afeto construiu pontes de confiança, segurança e pertencimento. Foi por meio dele que se fortaleceram vínculos, se promoveram práticas inclusivas e se cultivou uma ambiência ética, estética e sensível.

Esse florescimento afetivo confirma o que propõe Morin (2015): educar é ensinar a viver, e viver é aprender a cuidar, conviver e transformar. Na perspectiva de Bronfenbrenner (2011), o desenvolvimento infantil acontece nas tramas das relações, e o afeto é o fio que sustenta essas conexões. As DCNEI (BRASIL, 2009) também reconhecem o afeto como elemento essencial para garantir o bem-estar, a aprendizagem e o desenvolvimento integral das crianças. Portanto, o afeto consolidou-se como resultado significativo, revelando que educar é, antes de tudo, habitar o cotidiano com sensibilidade, ética e presença amorosa.

A comunidade como rede de apoio

Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o desenvolvimento infantil não acontece de forma isolada, é sustentado por uma rede de relações que ultrapassa os limites da sala de aula. Famílias, colegas, equipe escolar e comunidade compõem um tecido vivo que fortalece os vínculos, amplia os repertórios e garante o direito à convivência.

A escuta das famílias, o diálogo entre educadoras e a cooperação entre os diferentes sujeitos da escola revelaram-se como práticas fundamentais para a construção de uma educação ética, justa e afetiva. Quando há abertura para o encontro e para a corresponsabilidade, a escola se transforma em espaço de construção coletiva, onde todos aprendem e ensinam.

Esse florescimento relacional confirma o que propõe Bronfenbrenner (2011): o desenvolvimento humano é influenciado por múltiplos sistemas interconectados, e a comunidade é um dos mais potentes.

Assim sendo, a consolidação da comunidade como uma rede de apoio emergiu como um dos resultados mais significativos desta pesquisa, revelando que educar é também tecer vínculos entre pessoas, territórios e afetos.





Contribuições: Sementes para o Futuro



“Cada semente lançada no cotidiano germinou em práticas que cuidam, escutam e transformam.”
Josiane, educadora das infâncias

Ao longo desta pesquisa, foi possível observar que o cotidiano da Educação Infantil é um solo fértil, onde cada gesto, cada escuta e cada escolha pedagógica transformou-se em semente de transformação. As contribuições aqui apresentadas não são apenas resultados pontuais, mas desdobramentos vivos de uma prática que se compromete com a infância, com a diversidade e com o planeta.

Tendo como inspiração a abordagem sistêmica e ética, de acordo com as propostas de Fritjof Capra (2006) e Edgar Morin (2015), a pesquisa reafirma que educar é cultivar: cultivar vínculos, valores, territórios e futuros possíveis. Cada contribuição germinada revela que a Educação Infantil é espaço de justiça, de cuidado e de formação de sujeitos conscientes e comprometidos com a vida em todas as suas formas.



Ambientes mais acolhedores e sustentáveis

A pesquisa revelou que os espaços escolares, quando pensados com intencionalidade estética, ética e ecológica, tornam-se territórios de pertencimento. Ambientes que acolhem, provocam e respeitam os ritmos da infância favorecem o desenvolvimento integral e a consciência ambiental. Segundo Fritjof Capra (2006), a educação precisa estar conectada à vida, aos ciclos da natureza e à compreensão sistêmica do mundo. As DCNEI (BRASIL, 2009) também destacam que os ambientes devem ser planejados para promover segurança, bem-estar e múltiplas linguagens.





Inclusão como prática viva e relacional

A inclusão foi vivida como ética do cuidado, como prática que reconhece e valoriza as singularidades. Mais do que presença física, ela se concretizou nas relações, na escuta e na construção de vínculos afetivos. Paulo Freire (1996) já afirmava que a educação é um ato de amor e de coragem, e que ninguém educa sozinho, educamos em conjunto. A pesquisa mostrou que a inclusão acontece quando há disponibilidade para o encontro e para o reconhecimento do outro como legítimo.



Educação Infantil como espaço de justiça e diversidade

Durante o percurso da pesquisa, observei que a Educação Infantil se consolida como território de justiça, onde a diversidade deixa de ser apenas reconhecida, passando a ser vivida como potência. As práticas pedagógicas respeitaram os tempos, os corpos e os saberes das crianças, promovendo equidade, participação e escuta ativa. A diversidade cultural, social e subjetiva foi acolhida com sensibilidade, transformando o cotidiano escolar em espaço de convivência ética e estética.

Esse florescimento confirma o que propõe Morin (2015): a educação deve preparar para a complexidade da vida, reconhecendo a pluralidade como valor e condição para a construção de um mundo mais justo. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) também reforçam que a garantia dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento passa pelo respeito às diferenças e pela promoção de práticas inclusivas.

Portanto, esta pesquisa revela que a Educação Infantil é, sim, um espaço privilegiado para cultivar justiça, diversidade e dignidade, onde cada infância pode florescer com liberdade e reconhecimento.





Formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o planeta



Ao longo desta trajetória foi possível observar a Educação Infantil como território fértil para a alfabetização ecológica, sendo vivida não como uma temática isolada, mas como prática cotidiana, relacional e sensível. As crianças, ao interagirem com os elementos da natureza, com os ciclos da vida e com os espaços escolares pensados ecologicamente, desenvolveram atitudes de cuidado, respeito e responsabilidade com o meio ambiente.

Esse florescimento reafirma o que propõe Capra (2006): formar cidadãos conscientes é cultivar uma visão de mundo que reconhece conexões, interdependência e pertencimento à teia da vida.

A pesquisa mostrou que, ao se perceberem como parte dessa teia, as crianças passaram a agir com mais empatia, cooperação e consciência ambiental, revelando que a Educação Infantil é espaço privilegiado para semear valores que sustentam uma cultura de paz e de cuidado com a Terra.

As DCNEI (BRASIL, 2009) reforçam que o desenvolvimento integral da criança inclui o despertar para a cidadania, para o respeito à diversidade e para o cuidado com o ambiente em que vive.

Portanto, a formação de cidadãos conscientes e comprometidos com o planeta emergiu como um dos resultados mais potentes da pesquisa, revelando que educar é também cultivar vínculos com a vida em todas as suas formas.



Reafirmo que através desta a Educação Infantil como sendo um território extremamente fértil para cultivar valores, vínculos e práticas que transformam vidas e comunidades. Cada contribuição aqui apresentada é uma semente que foi lançada no solo do cotidiano, pronta para florescer em novas experiências, novos encontros e novas formas de habitar o mundo.





A Educadora das Infâncias: Jardineira de Experiências



“Na escuta do cotidiano, a educadora encontra sementes de si mesma, ela floresce junto com a infância.”
Josiane, educadora das infâncias

A educadora como jardineira de si e do mundo

A pesquisa revelou que ser educadora das infâncias é também um ato autobiográfico. Cada gesto, cada escuta, cada escrita é uma forma de narrar a si mesma, de revisitar memórias, de reinventar caminhos. A prática pedagógica, quando refletida e documentada, transforma-se em território de formação — não apenas das crianças, mas da própria educadora.

A formação docente emergiu como processo vivo, afetivo e situado. Mais do que cursos ou técnicas, ela se constrói na escuta do cotidiano, na coragem de perguntar, na delicadeza de sentir. Como afirma Josso (2004), a formação é uma travessia existencial, onde o sujeito se transforma ao narrar sua experiência, ao dar sentido ao vivido e ao reconhecer-se em movimento. As narrativas das educadoras, nomeadas como flores, revelam essa travessia com beleza e verdade.

🌷 Tulipa escreveu: “Ao escrever sobre minha prática, percebi que estava escrevendo sobre mim. Descobri que sou feita de encontros, de dúvidas e de delicadezas.”

🌻 Girassol compartilhou: “A escuta da criança me ensinou a escutar a mim mesma. Hoje, sou uma educadora mais inteira, mais presente.”

🌼 Margarida afirmou: “A escrita me fez enxergar o que antes passava despercebido. Cada palavra foi uma semente.”

Esses relatos mostram que a escrita pedagógica não apenas documenta o vivido, ela o ressignifica, o amplia e o transforma em saber. Ser educadora das infâncias é, portanto, habitar o tempo com ética, escuta e coragem, cultivando vínculos que florescem dentro e fora de si.

A educadora é jardineira de experiências, mas também de si mesma.

Ao cuidar da infância, ela cuida da própria humanidade.

Ao escutar a criança, ela escuta sua própria história.

E ao escrever, ela semeia futuros, para si, para os outros, e também para o mundo.





Considerações Finais: Um Jardim de Palavras, Afetos e Vivências

"As palavras que cultivamos com afeto, carinho e cuidado se tornam sementes de transformação no chão da educação."
Josiane, educadora das infâncias

Esta pesquisa aqui compartilhada foi um caminho de escuta, escrita e reinvenção. Um percurso em que a prática se fez narrativa, e a narrativa se fez gesto de cuidado. Ao longo desse jardim de palavras, floresceram aprendizagens que não cabem apenas em teorias, mas se revelam no cotidiano, nos vínculos e nas escolhas éticas que sustentam a minha docência.

A alfabetização ecológica como aliada da inclusão

A vivência com as crianças, não apenas de minha turma, mas também das demais e momentos coletivos, mostrou que cuidar do planeta e cuidar das relações são gestos que se entrelaçam. Ao plantar, observar, sentir a terra e os ciclos da natureza, as crianças aprenderam também a respeitar o outro, a esperar o tempo do diferente, a conviver com a diversidade. Como afirma Capra (2006), "a alfabetização ecológica é o entendimento das interdependências que sustentam a vida". Na prática pedagógica, essa compreensão se traduziu em atitudes de empatia, escuta e pertencimento.

A escuta ativa e o cuidado como pilares da docência

Escutar foi muito além do que apenas ouvir, foi um convite a reconhecer a criança como sujeito de direitos, desejos e saberes. A escuta se fez presença, silêncio atento, pausa que acolhe. Josso (2004) nos lembra que "formar-se é também escutar-se", e foi nesse movimento que as educadoras-flores se reconheceram em suas práticas. O cuidado, por sua vez, não foi um ato isolado, mas uma ética cotidiana, presente no modo de organizar o espaço, de acolher o choro, de celebrar as pequenas conquistas.





A infância celebrada em sua pluralidade

A pesquisa reafirmou que a infância não é uma só, ela é múltipla, diversa, potente. Cada criança trouxe consigo um mundo, uma linguagem, um tempo. Algumas chegaram com o corpo inquieto, outras com o silêncio cheio de perguntas. Houve quem falasse com os olhos, quem desenhasse com os pés, quem brincasse com o vento.

As práticas pedagógicas que emergiram valorizaram essa pluralidade, recusando padrões e abrindo espaço para o inédito. O planejamento se tornou flexível, a escuta se fez bússola, e o cotidiano virou território de invenção. Esse percurso requer coragem, presença, disponibilidade. Educar, nesse contexto, é aceitar o convite para o desconhecido, é permitir que a criança nos leve por caminhos que não estavam no roteiro, mas que fazem todo sentido quando vistos com olhos atentos e coração aberto.

A pluralidade da infância não é desafio, é potência, nos ensina que há muitas formas de aprender, de ser, de estar no mundo. E é na abertura para essa diversidade que a educação se torna verdadeiramente transformadora.

Este jardim de palavras não se encerra aqui.

Cada página escrita, cada escuta vivida, cada vínculo cultivado é uma semente lançada no tempo. Que elas sigam germinando em outros quintais, em outras infâncias, em outras educadoras que, como jardineiras, seguem acreditando que a educação é um ato de esperança.

Educar como ato de transformação

Educar é semear futuros, confiando que cada gesto, pode desencadear mudanças profundas. Durante a pesquisa, ficou evidente que a Educação Infantil é mais do que um espaço de transmissão de saberes é território de vida que pulsa, onde valores são cultivados com mãos cuidadoras e escutas atentas.

Transformações não acontecem de forma abrupta, mas no cotidiano: no modo como se acolhe o choro, como se celebra uma descoberta, como se respeita o tempo de cada criança. Essas práticas revelam que educar é também um ato político e poético, uma escolha por mundos mais justos, mais diversos, mais vivos.

Como afirma Morin (2015), “ensinar a viver” é preparar para a complexidade, para o inesperado, para o encontro. A pesquisa mostrou que, ao criar condições para que a infância seja vivida em sua plenitude, educadoras tornam-se jardineiras de transformação, cultivando não apenas conhecimento, mas humanidade.





Agradecimentos: Gratidão que Floresce

À banca avaliadora, pela escuta generosa e pelas contribuições valiosas.

À equipe do PPPG/UFSM, pelo apoio e inspiração.

À comunidade escolar do CEI Casa da Criança, por abrir as portas e o coração.

E, sobretudo, às crianças, as borboletas do cotidiano, que me ensinaram a voar com leveza e coragem.



Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.
- BRONFENBRENNER, Urie. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2015.





Muito
Obrigada



@josianeroepke



josiane.roepke@gmail.com



(55) 99144-6385



Josiane Roepke

Portfólio Digital